

Alexandre Bitencourt

Como a mídia-educação e a inovação curricular
podem transformar a escola pública

LANÇAMENTOS



**A FESTA SURPRESA DA
CHAPEUZINHO VERMELHO**
de Cleia Teixeira

INTERVALO POÉTICO
de J. Wilton



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/g2yjn63>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Bibliotecária:
Patrícia Martins da Silva Rede

Coordenação editorial:
Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Patrícia Martins da Silva Rede
Vilma Maria da Silva

Jornalista:
Luciana Cardoso de Souza

Colunistas:
Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Coordenação editorial (Angola):
Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Web-edição:
T.I. Lee Anthony Medrado

Assessoria Jurídica
Júlio César dos Santos
OAB/SP 344263

Com. de Avaliação e Leitura:
Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Prof. Dr. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjango (Angola)

Contatos
Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 7, n. 66 (ago. 2026). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2026. 360 p. : il. color

Bibliografia
Publicação contínua desde 2020.
Bimestral
e-ISSN 2675-2573
Disponível apenas online.
Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>
DOI: <https://doi.org/10.52078/g2yjn63>

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2026

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br

CNPJ: 28.657. 494/0001-09

05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

08 O pertencimento também se constrói à mesa: quando a alimentação escolar encontra os Direitos Humanos

Mirella Clerici

10 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

12 POIESIS

J. Wilton

14 Alexandre Bitencourt: como a mídia-educação e a inovação curricular podem transformar a escola pública

Luciana Cardoso de Souza



ARTIGOS

1. ESTÍMULO DA PRÓ-SOCIABILIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS, CONVIVÊNCIA E DESAFIOS NO COLÉGIO COMANDANTE BULA-PROVÍNCIA DO HUAMBO-ANGOLA	23
Alberto Praia Tchinhama	
2. A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA	29
António dos Reis Fançony /Calunda dos Santos Jorge /Sabalo João Luanda	
3. O ESTUDO DA DISTÂNCIA ENTRE DOIS PONTOS NO PLANO CARTESIANO: UM ESTUDO APLICADO AO ENSINO DA GEOMETRIA ANALÍTICA NA 10.ª CLASSE	35
Armando Kangolo Basílio /Denilson Genito Moisés dos Anjos /Ngombo Rodrigues Lucau	
4. CIBERSEGURANÇA, GUERRA CIBERNÉTICA E DINÂMICAS MIGRATÓRIAS: A NOVA DIMENSÃO DOS CONFLITOS E OS DESAFIOS PARA OS ÓRGÃOS DE SEGURANÇA E DEFESA	44
Augusto Hudson Simeão	
5. DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE A AVALIAÇÃO FORMATIVA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A INFÂNCIA	53
Carina Fardim Soares	
6. O DIREITO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO NO ORDENAMENTO JURÍDICO ANGOLANO E A REALIDADE EDUCATIVA: HÁ, NA PRÁTICA, CONDIÇÕES SUFICIENTES DE ASSEGURAMENTO DESTES DIREITOS?	61
Chiquito Afonso Fernando Domingos /Gouveia de Oliveira Ngunza da Silva	
7. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O AVANÇO DA ESCRITA DO ALUNO PRÉ-SILÁBICO: CONTRIBUIÇÕES DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E DO LETRAMENTO	72
Cirlene Alves de Oliveira	
8. RECONHECIMENTO DE ANGOLA AO GOVERNO DE TRANSIÇÃO DE BURKINA FASO: ANÁLISE SOBRE AS MENSAGENS DO PRESIDENTE JOÃO LOURENÇO AO IBRAHIM TRAORÉ	80
Daniel Cordeiro	
9. PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA COMO REFORÇO POSITIVO NA RECUPERAÇÃO DE PACIENTE	85
Edgar Francisco da Silva Gonçalves	
10. ESPAÇOS EXTERNOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MARCOS NORMATIVOS, QUALIDADE E CONTRIBUIÇÕES DE PESQUISAS SOBRE AS PRÁTICAS INSTITUCIONAIS	90
Elaine Santos do Nascimento	
11. O PSICÓLOGO COMO SOLUCIONADOR DE PROBLEMAS E MITIGADOR DE DANOS:DUAS FUNÇÕES ESSENCIAIS NA PRÁTICA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA	97
Esmael Joaquim Machado	
12. POLÍTICA EDUCATIVA EM ANGOLA E A GARANTIA DO DIREITO NA EDUCAÇÃO	100
Faustino Moma Tchipesse	
13. A APRENDIZAGEM DO FUTSAL ESCOLAR COM JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS NA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	106
Fernando Leite Miranda	
14. A ALTERIDADE NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO SER	113
Gersiane Alves Pavão	
15. A INDISCIPLINA NA ESCOLA: NOTAS DE UM ESTUDO REALIZADO NA ESCOLA NGUENDELAMBA VIN-105	119
Guilherme Mateus Moma	
16. EFICÁCIA REGULATÓRIA DO KWENDA: UMA PERSPECTIVA DA ANÁLISE ECONÓMICA DO DIREITO	126
Gustavo Bruno Wandaqueia António	
17. A TEORIA DOS DOIS FACTORES DE HERZBERG NO COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL: UMA ANÁLISE SOBRE MOTIVAÇÃO E SATISFAÇÃO DOS COLABORADORES	135
Irma Cristina de Moraes Chinhema	
18. ENSINO COLABORATIVO NAS SALAS DE ENSINO FUNDAMENTAL II DA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO À LUZ DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM (DUA)	142
Jeam Rodrigo de Oliveira	
19. DO ANALFABETISMO À AUTONOMIA FEMININA: IMPACTO DO PROJECTO OKUTANGA NA VIDA DAS MULHERES ZUNGUEIRAS	151
João Eduardo Quinseque /Mário Jamba Artur /Daniel Marculino Muenho /Eugénio Chicapa /Lília Stevens de la Cruz	
20. RECOMPOSIÇÃO DAS APRENDIZAGENS NO ENSINO FUNDAMENTAL: O PAPEL DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA ARTICULAÇÃO ENTRE AVALIAÇÃO, FORMAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	161
Joice Pereira Marques	
21. A GESTÃO ESCOLAR E O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE PARTICIPAÇÃO, LIDERANÇA E TRABALHO PEDAGÓGICO	170
Katia Aparecida de Sousa Lima	
22. PRECONCEITO LINGÜÍSTICO E REGIONALISMO: A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA BRASILEIRA	178
Luciana Cardoso de Souza	
23. ENVELHECIMENTO COMO PROBLEMA E COMO OPORTUNIDADE	181
Luís Venâncio /Elizabeth Hama Francisco	

24. A LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS E MEDIAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS	188
Lusilene da Rocha Alves	
25. ENTRE O PRESCRITIVO E O NARRATIVO: A NATUREZA HÍBRIDA DO CURRÍCULO DA CIDADE DE SÃO PAULO E OS ESTUDOS DE GÊNERO E DA SEXUALIDADE]	198
Marcelo Cunha	
26. EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CURRÍCULO DA CIDADE DE SÃO PAULO: PRINCÍPIOS, DIREITOS DE APRENDIZAGEM E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	215
Maria Angela Ferreira Oliveira	
27. PROGRAMA DE GARANTIA DA QUALIDADE ACADÊMICA NO INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO DO BITA	218
Maria Canga Álvaro	
28. EDUCAÇÃO INTEGRAL NA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO: DA CIDADE EDUCADORA AO PROGRAMA SÃO PAULO INTEGRAL	224
Maria Elena dos Santos Silva	
29. A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA E AS NECESSIDADES DA CRIANÇA	227
Maria Madalena Sampaio Silva	
30. DIAGNÓSTICO PRÉ-HOSPITALAR DO ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: PERCEPÇÃO DE ENFERMAGEM SOBRE O USO DA ESCALA DE CINCINNATI	237
Mário Adelino Miranda Guedes	
31. A PERTENÇA ALÉM DA MATRÍCULA: EXPERIÊNCIAS DE ACOLHIMENTO LINGÜÍSTICO, CULTURAL E ALIMENTAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	242
Mirella Clerici	
32. A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL NA INFÂNCIA: PEDAGOGIA DA ANCESTRALIDADE E LITERATURA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA	255
Nayane Brito Veras Godinho Hermisdorf	
33. A HISTÓRIA DA MATEMÁTICA NA ANTIGUIDADE: CONTRIBUTOS PARA A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DO 1 ANO DO CURSO DE ENSINO DA MATEMÁTICA	267
Ngombo Rodrigo Lucau /Denilson Genito Moisés dos Anjos	
34. ESTUDO DE CASO DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DO DANDE, BENGO NO PERÍODO DE 2023 - 2025	275
Panzo Manuel Bunga	
35. O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UMA ADEQUAÇÃO A NOVA TENDÊNCIA PEDAGÓGICA, CASO DO INSTITUTO SUPERIOR LUSÍADA DO HUAMBO-ANGOLA	281
Pedro Isaac /Walter Albino António Sassoma	
36. PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PERÍODO PANDÊMICO	286
Rafaela Gois Zirpolo	
37. O BRINCAR E AS INTERAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS PARA A ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS, TEMPOS E EXPERIÊNCIAS	291
Roseli Brito Tenório Ramos	
38. A FORMAÇÃO DOCENTE NA ERA DA EDUCAÇÃO DIGITAL: SABERES, CIDADANIA E DESAFIOS EMERGENTES	300
Suellen Vidal Araújo da Silva	
39. O BRINCAR COMO FERRAMENTA DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E MOTOR NA INFÂNCIA	307
Talita Torraca Vieira da Silva	
40. FACTORES DE RISCOS ASSOCIADOS À INSUFICIÊNCIA RENAL CRÓNICA EM PACIENTES ATENDIDOS NO CENTRO DE HEMODIÁLISE DO HOSPITAL DO PRENDA NO PERÍODO DE JUNHO A JULHO DE 2025	310
Tamara Garcia Calixto /Belkis Tomilson Garcia /Tomas Miriam Tabares	
41. SAÚDE E EDUCAÇÃO: INTERSETORIALIDADE ENTRE SUS E ESCOLA NA PROMOÇÃO DO CUIDADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	317
Tatiana Miranda Lima	
42. FATORES ASSOCIADOS AO ABANDONO ESCOLAR DOS ALUNOS DO I CICLO NA COMUNA DE CAITOU, MUNICÍPIO DA BIBALA PROVÍNCIA DO NAMIBE	325
Teresa Francisca Nkhulwavo /Domingos Tchinhama Mangundu /Betsabé Pompa Abreu	
43. EDUCAÇÃO INFANTIL COMO TERRITÓRIO DE DIREITOS: EXPERIÊNCIAS, QUALIDADE E INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA	331
Valquiria Souza Cardoso	
44. DIÁLOGOS E SABERES BIOCULTURAIS E O SEU PAPEL ESTRUTURANTE NA EDUCAÇÃO PARA A BIODIVERSIDADE ENTRE COMUNIDADES KHOISAN DE ANGOLA E POVOS INDÍGENAS DO BRASIL	338
Valter Joaquim Vidal	
45. CONSUMO EXCESSIVO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS NA ADOLESCÊNCIA: PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS PARA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM ANGOLA	344
Vidal António Machado	
46. A SITUAÇÃO SOCIOECONÓMICA DAS FAMÍLIAS MONOPARENTAIS: CASO DO MUNICÍPIO DO CHINJENJE-PROVÍNCIA DO HUAMBO	350
Walter Albino António Sassoma	

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform & workflow by
OJS / PKP



DO ANALFABETISMO À AUTONOMIA FEMININA: IMPACTO DO PROJECTO OKUTANGA NA VIDA DAS MULHERES ZUNGUEIRAS

João Eduardo Quinseque¹

Mário Jamba Artur²

Daniel Marculino Muenho³

Eugénio Chicapa⁴

Lília Stevens de la Cruz⁵

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o contributo do Projeto Okutanga para a promoção da autonomia económica, social e pessoal das mulheres zungueiras, por meio dos processos de alfabetização funcional e de capacitação socioeducativa desenvolvidos no Município do Cuito, Província do Bié, Angola. Para esse fim, adotou-se uma abordagem metodológica mista, combinando procedimentos quantitativos e qualitativos. Participaram do estudo cinco alfabetizadores e dez mulheres beneficiárias do projeto. Os dados foram coletados por meio de um inquérito estruturado dirigido aos alfabetizadores e de um teste de avaliação das habilidades cognitivas aplicado às mulheres zungueiras. O tratamento dos dados quantitativos foi realizado por meio de estatística descritiva, com o uso do software SPSS, enquanto os dados foram interpretados à luz do referencial teórico sobre alfabetização de adultos, economia informal e autonomia feminina. Os resultados demonstram que o Projeto Okutanga tem contribuído para o desenvolvimento de competências de leitura, escrita, cálculo comercial e fortalecimento da autonomia das participantes, evidenciando melhorias na gestão de suas atividades económicas e na autoconfiança. Contudo, persistem desafios estruturais, como a superlotação das turmas, a insuficiência de recursos didáticos e as elevadas taxas de abandono, fatores que condicionam a eficácia da intervenção. Portanto, percebe-se que a alfabetização funcional, quando articulada com estratégias de desenvolvimento comunitário, constitui um importante instrumento de inclusão social e de empoderamento das mulheres em situação de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Alfabetização funcional, Mulheres zungueiras, Economia informal, Autonomia feminina, Projecto Okutanga Angola.

INTRODUÇÃO

O analfabetismo feminino permanece como um dos principais fatores de reprodução das desigualdades sociais, sobretudo em contextos

marcados pela pobreza, pela informalidade económica e pela exclusão histórica do acesso à educação. Em Angola, essa realidade ganha expressão particular entre as mulheres zungueiras, cuja sobrevivência diária depende, em grande medida, do comércio ambulante e

1 Licenciado em Ciências da Educação na opção de Sociologia pelo ISCED, Luanda e Mestrando em Serviço Social e Política Social Pela Universidade Católica de Angola, Docente Universitário e Coordenador do Curso de Licenciatura em Ensino Pré-Escolar no Instituto Superior Politécnico Ndunduma. <https://orcid.org/0009-0002-8379-7133> E-mail: quinseque@gmail.com

2 Mestre em Educação Especial no Instituto Superior de Ciências de Educação de Benguela. Pós-graduado em Docência Universitária pelo Instituto de Ciências de Educação do Bié. Docente Universitário no Instituto Superior Politécnico Ndunduma - Bié, Angola. Gestor Escolar. <https://orcid.org/0009-0000-9688-0011> E-mail: mariojambaartur@gmail.com

3 Licenciado em Ensino Pré-Escolar pelo Instituto Superior Politécnico Ndunduma. Coordenador do Projecto Okutanga no Instituto Superior Politécnico Ndunduma. <https://orcid.org/0009-0004-1548-3743> E-mail: Muenhodaniel26@gmail.com

4 Licenciado em Psicologia pela Universidade José Eduardo dos Santos, Escola Superior Politécnica do Bié, Docente do Instituto Superior Politécnico Ndunduma, <https://orcid.org/0009-0007-8719-2672> E-mail: eugeniopsicologo31@gmail.com

5 Doutora em Ciências Pedagógicas pela Universidade do Oriente de Cuba. Área Científica e Pós-Graduação do Instituto Superior Politécnico Ndunduma. Docente no Instituto Superior Politécnico Ndunduma. mercedeslilia34@gmail.com <https://orcid.org/0000-0001-7810-1889>

de estratégias informais de geração de renda. Nesse sentido, a ausência de competências de leitura, escrita e cálculo limita não apenas o exercício pleno da cidadania, mas também a capacidade de negociação, de gestão da renda e de participação autônoma na vida social e econômica.

É nesse contexto que se insere o Projeto Okutanga, uma iniciativa de alfabetização funcional e capacitação socioeducativa voltada para mulheres em situação de vulnerabilidade. Mais do que ensinar a ler e escrever, o projeto busca desenvolver competências práticas que possam contribuir para a autonomia econômica, social e pessoal das beneficiárias, articulando educação de adultos, desenvolvimento local e empoderamento feminino. Sua relevância reside justamente na tentativa de responder, de forma concreta, às necessidades de mulheres que acumulam responsabilidades familiares, laborais e comunitárias, muitas vezes em condições precárias.

O presente estudo analisa o impacto do Projeto Okutanga na vida das mulheres zungueiras, tomando como base a relação entre alfabetização funcional e autonomia feminina. Parte-se do pressuposto de que a educação, quando contextualizada e socialmente situada, pode constituir um instrumento decisivo de transformação individual e coletiva. Assim, busca-se compreender de que modo a participação no projeto tem contribuído para o fortalecimento das capacidades cognitivas, da autoconfiança e da inserção socioeconômica das mulheres envolvidas.

Para alcançar esse propósito, o estudo baseia-se em uma abordagem que articula fundamentos teóricos sobre analfabetismo, economia informal, educação de adultos e autonomia das mulheres, com a análise do contexto específico em que o Projeto Okutanga se desenvolve. Dessa forma, pretende-se evidenciar não apenas os ganhos observáveis do processo de alfabetização, mas também os constrangimentos estruturais que ainda limitam o alcance pleno da iniciativa.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

O analfabetismo feminino em Angola insere-se em um quadro histórico de profundas desigualdades estruturais, agravadas por décadas de conflito armado e

por uma herança colonial que sistematicamente excluiu as populações africanas do acesso à educação formal (Neto, 2019). Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística de Angola (INE, 2020), a taxa de analfabetismo entre as mulheres adultas permanece significativamente superior à masculina, situando-se acima de 30% nas zonas periurbanas de Luanda, realidade igualmente expressiva nas províncias do interior, como o Bié.

Esse contexto projeta-se diretamente no mercado de trabalho informal, onde as mulheres zungueiras, designação local para as vendedoras ambulantes, desempenham um papel econômico estrutural, apesar da invisibilidade social e institucional que caracteriza sua atividade (Ducados, 2004). A zunga constitui, para milhares de mulheres angolanas, a única estratégia de sobrevivência acessível na ausência de qualificações formais e de redes de proteção social (Rodrigues, 2007).

A intersecção entre analfabetismo e trabalho informal configura um ciclo de reprodução da pobreza e da exclusão que se transmite intergeracionalmente, limitando não apenas as oportunidades individuais das mulheres, mas também o desenvolvimento das comunidades onde elas se inserem (UNESCO, 2016). É nesse horizonte que se insere o presente estudo, que toma como referência o Projeto Okutanga, procurando compreender seu impacto na promoção da autonomia das beneficiárias.

PROBLEMA, OBJECTIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

O artigo procura analisar a questão à luz do problema central que orienta este estudo, formulado nos seguintes termos: em que medida o Projeto Okutanga, enquanto iniciativa de alfabetização funcional e capacitação socioeducativa, contribui para a promoção da autonomia econômica, social e pessoal das mulheres zungueiras beneficiárias no contexto do Cuito/Bié?

O objetivo geral consiste em analisar o contributo do Projecto Okutanga para a promoção da autonomia feminina, através dos processos de alfabetização funcional e de capacitação socioeducativa.

Os objetivos específicos incluem:

- Caracterizar o fenómeno do analfabetismo feminino em Angola;
- Analisar a atividade das zungueiras no quadro da economia informal;
- Examinar os fundamentos da educação de adultos;
- Discutir os conceitos de autonomia económica, social e pessoal;
- Caracterizar os resultados empíricos do projeto à luz dos referenciais teóricos apresentados.

METODOLOGIA

O presente estudo adoptou uma abordagem mista de carácter complementar, na medida em que os dois instrumentos de recolha de dados, o Inquérito aos Alfabetizadores e o Teste de Avaliação de Habilidades Cognitivas, respondem a questões de investigação distintas, mas complementares, que dificilmente seriam respondidas de forma isolada por um único método. A componente quantitativa, operacionalizada através da estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, com recurso ao SPSS), permite caracterizar objectivamente o perfil dos alfabetizadores e mensurar o desempenho das beneficiárias nos itens cognitivos, dados de natureza numérica que exigem tratamento estatístico. A componente qualitativa, por sua vez, decorreu da leitura interpretativa desses mesmos resultados à luz do referencial teórico sobre andragogia, economia informal e autonomia feminina, permitindo compreender o significado e as implicações dos padrões numéricos observados, algo que a estatística descritiva, por si só, não esclarece. A justificação para a opção metodológica mista reside, assim, na necessidade de triangular duas fontes de evidência com naturezas distintas, a saber, os relatos e práticas dos agentes pedagógicos e o desempenho cognitivo directamente observado nas beneficiárias, de modo a obter uma visão mais robusta e multidimensional do fenómeno estudado do que a que resultaria da aplicação isolada de uma abordagem exclusivamente quantitativa ou exclusivamente qualitativa.

PARTICIPANTES E INSTRUMENTOS

O estudo envolveu duas amostras distintas. A primeira é constituída por cinco (5) alfabetizadores que actuam no âmbito do Projeto Okutanga, tendo sido

recolhidos dados sobre o seu perfil, práticas pedagógicas, condições de trabalho e percepções sobre os resultados do processo. A segunda amostra é composta por dez (10) mulheres zungueiras beneficiárias do projeto, cujas habilidades cognitivas e numéricas foram avaliadas através de um teste estruturado de seis itens, abrangendo raciocínio lógico-matemático, vocabulário e competências de cálculo comercial aplicado.

Os instrumentos utilizados foram: um inquérito estruturado dirigido aos alfabetizadores, com questões sobre perfil sociodemográfico, formação, metodologias, recursos e resultados percebidos; e um teste de avaliação de habilidades cognitivas dirigido às mulheres zungueiras, composto por seis itens de resposta fechada cobrindo diferentes domínios cognitivos.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Os dados foram organizados e tratados por meio de técnicas de estatística descritiva, apresentando-se as frequências absolutas e relativas de cada variável, com o suporte do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). A análise interpretativa foi realizada mediante o cruzamento com o referencial teórico e com os princípios do Projeto Okutanga. Foram observados os princípios éticos de anonimato e confidencialidade dos participantes em todo o processo de coleta e análise dos dados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Analfabetismo e Exclusão Social Feminina

O analfabetismo não é um fenómeno natural, mas o produto histórico de relações de poder que determinaram o acesso ao conhecimento (Freire, 1987). Para as mulheres angolanas, a privação da educação formal combinou a lógica colonial com estruturas patriarcais locais, produzindo formas sobrepostas de dominação (Mama, 2007).

A UNESCO (2016) define a literacia como a capacidade de identificar, compreender, interpretar, criar, comunicar e calcular, indo muito além da simples decodificação de símbolos. A ausência de literacia reduz as oportunidades de emprego formal, limita a participação cívica e diminui a capacidade de as mulheres se protegerem da violência e da exploração (Kabeer, 2012).

Economia Informal e Trabalho das Mulheres Zungueiras

A economia informal constitui, em Angola, assim como na maior parte dos países africanos subsaarianos, o núcleo central da atividade econômica para a maioria da população (Chen, 2012). Estima-se que mais de 70% da força de trabalho em Luanda esteja inserida no emprego informal, sendo as mulheres o segmento mais representativo no comércio ambulante, realidade também presente no Bié (INE, 2020).

As zungueiras representam uma das faces mais visíveis da economia informal angolana, com condições de trabalho precárias, ausência de proteção social e rendimentos extremamente instáveis (Rodrigues, 2007). A articulação entre trabalho informal e analfabetismo expõe as zungueiras analfabetas a fraudes comerciais e a abusos institucionais (Lopes, 2018).

Educação de Adultos e Alfabetização Funcional

A andragogia, teoria da aprendizagem de adultos sistematizada por Knowles (1980), estabelece que os adultos aprendem melhor quando reconhecem a relevância imediata do conteúdo, quando o processo respeita sua experiência prévia e quando são tratados como sujeitos autônomos.

A alfabetização funcional vai além da leitura, da escrita e do cálculo básicos, incluindo a capacidade de aplicar essas competências na resolução de problemas da vida real (UNESCO, 2016), tornando-se um instrumento prático de transformação do trabalho, da cidadania e da gestão pessoal cotidiana.

A perspectiva freiriana defende que a alfabetização é inseparável da tomada de consciência política e social, sendo um ato de reconhecimento da dignidade e da voz dos aprendentes (Freire, 1967). Em Angola, a educação de adultos tem sido historicamente marginalizada, com recursos insuficientes e elevadas taxas de abandono (Neto, 2019).

Autonomia Económica, Social e Pessoal das Mulheres

O conceito de autonomia feminina abrange dimensões que vão desde a independência material até a capacidade de tomar decisões sobre o próprio corpo e a própria vida (Kabeer, 2012). Para a autora,

distinguem-se três dimensões ao abordar essa questão: os recursos, que incluem o acesso a bens materiais e capital social; as agências, que se referem à capacidade de definir objetivos e agir para alcançá-los; e os resultados, que correspondem ao bem-estar efetivamente alcançado. Essa tripartição permite identificar os pontos de intervenção mais eficazes nos programas de capacitação feminina.

A autonomia pessoal diz respeito à autoconfiança, à autoestima e ao senso de eficácia pessoal; a transformação das representações que as mulheres constroem de si mesmas é indispensável para que utilizem efetivamente os recursos adquiridos (Kabeer, 2012). Freire (1987) expressa essa ideia na noção de “pronunciar o mundo”: nomear a própria realidade é o fundamento de qualquer processo genuíno de emancipação.

O PROJECTO OKUTANGA E O SEU ENQUADRAMENTO SOCIAL

Caracterização do Projecto

O Projeto Okutanga, cujo nome deriva da língua Umbundu e significa “ensinar” ou “transmitir conhecimento”, constitui uma iniciativa de educação não formal e capacitação socioeducativa voltada especificamente para mulheres zungueiras em situação de analfabetismo ou baixa literacia nas regiões do Bié/Cuito. O projeto surgiu a partir da visão do Instituto Superior Politécnico Ndunduma em seu plano de atuação da extensão universitária, ao realizar um diagnóstico comunitário que identificou a ausência de literacia como um dos principais fatores limitantes da autonomia e do desenvolvimento das mulheres inseridas na economia informal.

Em termos institucionais, o Projeto Okutanga é promovido pelo Instituto Superior Politécnico Ndunduma, como já mencionado, contando com o apoio técnico da própria instituição acadêmica, inserindo-se, assim, no processo de educação de adultos voltado às mulheres zungueiras. As atividades são desenvolvidas no próprio Instituto, no horário das 05h30 às 07h00, adaptado ao ritmo de trabalho das zungueiras.

O perfil das beneficiárias é composto por mulheres adultas entre 15 e 60 anos, residentes em bairros periurbanos do Cuito e do Cunje, que exercem a atividade de zunga há vários anos como principal ou

única fonte de renda familiar e que nunca frequentaram a escola ou a abandonaram muito precocemente. Muitas são mães solteiras ou chefes de família, assumindo responsabilidades econômicas e domésticas que competem diretamente com o tempo disponível para as atividades educativas.

Estratégias de Intervenção

Os objetivos do Projeto Okutanga organizam-se em torno de três eixos:

- O eixo educativo: que visa desenvolver competências funcionais de leitura, escrita e cálculo;
- O eixo socioeconômico: que pretende fortalecer as capacidades de gestão das atividades comerciais das zungueiras;
- O eixo psicossocial: que se propõe a contribuir para o aumento da autoestima e do senso de pertencimento comunitário das participantes.

A língua de instrução é, preferencialmente, o português, com o uso do Umbundu, dependendo da composição linguística do grupo, com o objetivo de eliminar as barreiras idiomáticas. O recrutamento das participantes é realizado por meio de redes comunitárias informais, envolvendo líderes comunitários, associações de mulheres e redes de solidariedade entre zungueiras.

RESULTADOS

Perfil Sociodemográfico dos Alfabetizadores

Tabela 1 – Distribuição dos Alfabetizadores por Faixa Etária

Faixa Etária	Freq.	Percent.	% Válida	% Acumulada
20 a 25 anos	1	20,0%	20,0%	20,0%
26 a 30 anos	2	40,0%	40,0%	60,0%
31 a 35 anos	2	40,0%	40,0%	100,0%
Total	5	100,0%	100,0%	—

Fonte: Inquérito aos Alfabetizadores do Projeto Okutanga (2026).

Tabela 2 – Nível Acadêmico dos Alfabetizadores

Nível Acadêmico	Freq.	Percent.	% Válida	% Acumulada
Ensino Médio	3	60,0%	60,0%	60,0%
13.ª Classe	1	20,0%	20,0%	80,0%
3.º Ano (Universidade)	1	20,0%	20,0%	100,0%
Total	5	100,0%	100,0%	—

Fonte: Inquérito aos Alfabetizadores do Projeto Okutanga (2026).

Tabela 3 – Distribuição por Sexo

Sexo	Freq.	Percent.	% Válida	% Acumulada
Masculino	4	80,0%	80,0%	80,0%
Feminino	1	20,0%	20,0%	100,0%
Total	5	100,0%	100,0%	—

Fonte: Inquérito aos Alfabetizadores do Projeto Okutanga (2026).

Tabela 4 – Comunidade onde o Alfabetizador Actua

Comunidade onde Actua	Freq.	Percent.	% Válida	% Acumulada
ABC	2	40,0%	50,0%	50,0%
Cuito/Bié	1	20,0%	25,0%	75,0%
Okutanga	1	20,0%	25,0%	100,0%
Total (válidos)	4	80,0%	100,0%	—
Ausente	1	20,0%	—	—

Fonte: Inquérito aos Alfabetizadores do Projecto Okutanga (2026).

A análise do perfil dos cinco alfabetizadores inquiridos demonstra um grupo jovem, com idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos, predominantemente masculino e com formação

académica de nível médio ou superior. As tabelas seguintes sistematizam os dados recolhidos.

Os dados evidenciam que 80% dos alfabetizadores têm entre 26 e 35 anos, o que indica um corpo docente jovem, possivelmente mais receptivo a metodologias participativas e mais próximo, em termos geracionais, das realidades sociais das beneficiárias. No que se refere ao nível académico, 60% possuem o Ensino Médio, 20% a 13.ª Classe e 20% cursam o ensino superior (3.º ano). Embora essa formação académica de base seja condição necessária para o exercício da função, ela não é, por si só, suficiente para garantir competências pedagógicas especializadas na educação de adultos, o que remete à importância crucial da formação específica em andragogia e em educação popular.

A predominância masculina (80%) no corpo de alfabetizadores é um dado relevante e potencialmente paradoxal em um projeto voltado ao empoderamento de mulheres. A pesquisa sobre programas de capacitação feminina na África tem demonstrado que a presença de alfabetizadoras pode contribuir para reduzir as barreiras psicológicas e culturais à participação, aumentar a identificação das aprendentes com o processo e criar espaços de compartilhamento mais abertos às questões de gênero (Mama, 2007). A diversificação do quadro de alfabetizadores em termos de gênero constitui, portanto, uma recomendação pertinente para futuras fases do projeto.

A distribuição dos alfabetizadores por comunidade, com 50% na comunidade ABC, 25% no Cuito/Bié e 25% na comunidade Okutanga, reflete a concentração do projeto em determinadas áreas geográficas, o que pode implicar uma cobertura desigual das necessidades existentes nas zonas periurbanas do Bié.

Condições Pedagógicas e Práticas de Ensino

Tabela 5 – Condições Pedagógicas e Práticas dos Alfabetizadores

Variável	Resposta 1	Resposta 2	Interpretação
Recebeu formação como alfabetizador	Sim: 4 (80%)	Não: 1 (20%)	Majoria com formação prévia alfabetizador
Formação recebida suficiente	Sim: 3 (60%)	Não: 2 (40%)	Défice de preparação em 40%
Utiliza materiais didáticos	Sim: 5 (100%)	—	Uso universal de materiais
Realiza aulas diariamente	Sim: 3 (60%)	3x/semana: (40%)	2 Frequência variável
Turmas com mais de 40 alunos	Sim: 3 (60%)	Ausente: 2	Superlotação predominante
Local de ensino adequado	Sim: 2 (40%)	Não: 3 (60%)	Majoria em condições precárias
Possui recursos suficientes	Sim: 2 (40%)	Não: 3 (60%)	Recursos insuficientes
Recebe remuneração/incentivo	Sim: 5 (100%)	—	Todos remunerados

Fonte: Inquérito aos Alfabetizadores do Projecto Okutanga (2026)..

A análise das condições pedagógicas em que operam os alfabetizadores revela uma tensão significativa entre o compromisso dos agentes educativos e as limitações estruturais do contexto de intervenção. A Tabela 5 sintetiza os principais indicadores.

O fato de 80% dos alfabetizadores terem recebido formação prévia é um indicador positivo, que distingue o Projeto Okutanga de muitas iniciativas de alfabetização que recorrem a voluntários sem qualquer preparação pedagógica (Abadzi, 2003). Contudo, 40% consideram essa formação insuficiente, o que implica dizer que a formação inicial não contempla adequadamente as especificidades do ensino de adultos em situação de vulnerabilidade, especialmente a gestão de turmas com perfis heterogêneos, a abordagem de conteúdos para adultos sem escolarização e as estratégias de motivação e permanência diante do abandono.

A superlotação das turmas, com 60% dos alfabetizadores relatando turmas com mais de 40 alunos, constitui um dos constrangimentos mais preocupantes identificados. Percebe-se que turmas numerosas comprometem a qualidade do processo de ensino-aprendizagem na educação de adultos, em que a atenção individualizada, o compartilhamento de experiências e a criação de um clima de confiança são elementos essenciais para o desenvolvimento de competências de literacia funcional (Knowles, 1980; Torres, 2019). Esse dado torna-se ainda mais preocupante quando associado à insuficiência de recursos relatada por 60% dos alfabetizadores e à inadequação do espaço físico de ensino (60%).

De forma positiva, todos os alfabetizadores (100%) relataram utilizar materiais didáticos e receber alguma forma de remuneração ou incentivo. O uso de materiais didáticos é fundamental para estruturar o processo de aprendizagem e adaptar os conteúdos à realidade das zungueiras. A remuneração dos alfabetizadores também constitui um fator crítico para a sustentabilidade do Projeto, uma vez que o voluntariado não remunerado tende a produzir elevados níveis de rotatividade e comprometer a continuidade das intervenções educativas (Amaro, 2009).

No que se refere às metodologias utilizadas, os dados evidenciam uma distribuição entre a “elaboração conjunta” (40%), práticas mais

tradicionais de ditado e cópia (20%) e ausência de resposta (40%). A predominância de abordagens participativas entre os que responderam é coerente com os princípios andragógicos e freirianos que fundamentam o Projeto, mas o elevado percentual de não respostas a essa questão evidencia que os alfabetizadores podem não dispor de um vocabulário metodológico suficientemente desenvolvido para descrever e refletir sobre suas próprias práticas, o que representa uma insuficiência em sua formação pedagógica.

Desistência e Resultados do Processo de Alfabetização

Os dados relativos à desistência e aos resultados de aprendizagem constituem, simultaneamente, um barômetro do impacto do projeto e um indicador das suas principais fragilidades operacionais.

Tabela 6 – Desistência e Resultados de Aprendizagem

Indicador	Resp. A	Resp. B	Análise
Há desistência dos alfabetizandos?	Sim: 4 (80%)	Não: 1 (20%)	Taxa de abandono elevada
Alfabetizandos conseguem ler/escrever após o processo?	Sim: 3 (60%)	Parcial: 2 (40%)	Aprendizagem incompleta em 40%

Fonte: Inquérito aos Alfabetizadores do Projecto Okutanga (2026).

A taxa de abandono é o indicador mais crítico: 80% dos alfabetizadores relataram a existência de desistência entre os alfabetizandos, uma vez que, das 94 alfabetizandas, apenas 10 estão frequentando o segundo ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse resultado, embora preocupante, é consistente com os padrões documentados nos estudos sobre alfabetização de adultos em contextos africanos, nos quais as taxas de abandono tendem a ser elevadas por razões estruturais relacionadas à sobrecarga de trabalho e às responsabilidades domésticas das mulheres, à instabilidade econômica, que torna prioritária a atividade de subsistência em detrimento da formação, aos longos períodos necessários para a aprendizagem da leitura e da escrita por adultos, à desmotivação diante de progressos lentos ou de metodologias pouco contextualizadas, e aos constrangimentos de transporte e segurança para o deslocamento ao local de formação nas primeiras horas da manhã (Abadzi, 2003; Torres, 2019).

A diversidade das dificuldades relatadas pelos alfabetizadores, que incluem a responsabilidade excessiva dos alunos, a falta de material de apoio, os atrasos recorrentes e a baixa assimilação, confirma a

natureza multidimensional do abandono e aponta para a necessidade de estratégias diferenciadas de permanência que atuem simultaneamente sobre fatores motivacionais, logísticos e pedagógicos.

No que se refere aos resultados de aprendizagem, 60% dos alfabetizadores consideram que as alfabetizadas conseguem ler e escrever após o processo, enquanto 40% classificam os resultados como parciais. Essa distribuição, embora distante do ideal, demonstra que o Projeto produz resultados mensuráveis em uma parcela significativa das beneficiárias. A existência de resultados parciais em 40% dos casos não deve ser interpretada, necessariamente, como fracasso, mas como um indicador da complexidade do processo de aquisição da literacia por adultos que nunca frequentaram a escola e do tempo necessário para consolidar essas competências.

Avaliação das Habilidades Cognitivas das Mulheres Zungueiras

O teste de avaliação de habilidades cognitivas aplicado a dez mulheres zungueiras participantes do Projeto Okutanga constitui um dos elementos mais reveladores do estudo, na medida em que permite avaliar directamente as competências adquiridas pelas beneficiárias, cruzando dimensões de raciocínio lógico, vocabulário e competências numéricas aplicadas ao contexto comercial.

Tabela 7 – Resultados do Teste de Avaliação de Habilidades Cognitivas das Mulheres Zungueiras

Item do Teste	% Acerto	% Erro	N	Interpretação
Sequência numérica (2, 4, 8, 16, ...)	87,5%	12,5%	10 (8 válidas)	Padrão de duplicação — maioria incorrecta (resp. 20; correcto: 32)
Sinónimo de 'feliz'	90,0%	10,0%	10	Alto desempenho em vocabulário básico
Cálculo de receita semanal (60kg × 300kz × 7)	77,8%	22,2%	10 (9 válidas)	Maioria respondeu 126.000kz (correcto)
Adição simples: 432 + 567	88,9%	11,1%	10 (9 válidas)	Bom desempenho em operação aritmética básica
Problema concreto: maçãs (3-1=?)	100,0%	—	10	Domínio total do raciocínio concreto simples
Troco: 1000kz – 300kz	100,0%	—	10	Competência de cálculo comercial dominada

Fonte: Teste de Avaliação de Habilidades Cognitivas — Projecto Okutanga (2026).

Os resultados evidenciam um perfil cognitivo com características distintas que merecem uma análise detalhada.

a) Pontos Fortes: Raciocínio Concreto e Cálculo Comercial

Os desempenhos mais elevados registram-se nos itens directamente relacionados a situações concretas do quotidiano comercial das zungueiras. A totalidade das participantes (100%) respondeu correctamente ao problema aritmético simples de

subtração contextualizada (Maria tem 3 maçãs e dá 1; quantas lhe ficam?) e ao exercício de cálculo de troco ($1000kz - 300kz = 700kz$).

Esses resultados confirmam o que a teoria da aprendizagem de adultos tem demonstrado de forma consistente. Os adultos aprendem e retêm melhor os conteúdos quando estes estão directamente ligados à sua experiência prática e aos desafios de sua vida cotidiana (Knowles, 1980). Para as zungueiras, o cálculo de troco não é uma abstração académica, mas uma competência vital que exercitam diariamente em suas transações comerciais.

b) Desempenho Sólido em Vocabulário e Adição Básica

O item de vocabulário (“sinónimo de feliz”) registrou 90% de respostas correctas (“alegre”), indicando um domínio razoável da língua portuguesa no nível do vocabulário cotidiano, o que é essencial para a comunicação com clientes, fornecedores e autoridades. A adição simples ($432 + 567 = 999$) registrou 88,9% de acertos, evidenciando competências aritméticas básicas suficientemente consolidadas para as operações financeiras correntes.

c) Dificuldades em Raciocínio Abstracto e Aplicação de Escala

Os resultados mais reveladores das limitações cognitivas ainda presentes surgem nos itens que requerem raciocínio abstrato ou aplicação de operações em escalas mais complexas. Na sequência numérica (2, 4, 8, 16), 87,5% das respostas válidas indicaram 20, quando a resposta correcta seria 32 (multiplicação por 2). Esse erro sistemático evidencia que as participantes tendem a aplicar a operação mais simples (adição de 4) em detrimento da identificação do padrão de duplicação, o que é consistente com uma etapa de desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático ainda em construção.

O item de cálculo da receita semanal ($60kg \times 300kz \times 7$ dias) registrou 77,8% de respostas indicando 126.000kz. Importa destacar que o resultado correcto da operação é, de fato, 126.000kz ($60 \times 300 = 18.000kz$ por dia $\times 7 = 126.000kz$), razão pela qual a maioria respondeu correctamente. Os 22,2% que responderam 240.000kz cometeram um erro de cálculo, possivelmente por confusão entre as etapas da

operação. Esse resultado é, em seu conjunto, bastante positivo, uma vez que envolve uma operação de três etapas com números de maior magnitude.

Olhar Interpretativo: Convergências e Tensões

A leitura conjunta dos dados provenientes dos dois instrumentos, o inquérito aos alfabetizadores e o teste às zungueiras, permite identificar um conjunto de convergências e tensões que iluminam a complexidade do processo de alfabetização em contexto de vulnerabilidade.

A primeira convergência significativa reside na evidência de que o Projeto Okutanga produz resultados cognitivos mensuráveis, especialmente nos domínios que se articulam diretamente com a prática comercial das zungueiras. O domínio do cálculo de troco e das operações aritméticas básicas é consistente com a afirmação de 60% dos alfabetizadores de que os aprendentes conseguem ler e escrever após o processo, e confirma a pertinência de uma abordagem de alfabetização funcional que parte das necessidades reais das beneficiárias.

A primeira tensão importante emerge entre o potencial do projeto e seus constrangimentos estruturais. A superlotação das turmas (mais de 40 alunos em 60% dos casos), a insuficiência de recursos (60%), a inadequação dos espaços físicos (60%) e a formação pedagógica considerada insuficiente por 40% dos alfabetizadores configuram um contexto de trabalho que dificulta a qualidade pedagógica e contribui para as elevadas taxas de abandono reportadas. Esta tensão entre intenções e condições é característica dos programas de educação de adultos em contextos de escassez de recursos e aponta para a necessidade de um investimento mais substancial na infraestrutura do projeto.

A segunda tensão relevante diz respeito à predominância masculina no corpo de alfabetizadores (80%) de um projeto orientado para mulheres em situação de vulnerabilidade. Embora não existam dados que permitam avaliar o impacto dessa configuração sobre a participação e a retenção das beneficiárias, os estudos demonstram que a paridade de gênero entre formadores e aprendentes pode constituir um fator facilitador da aprendizagem, especialmente em contextos onde as normas de gênero prescrevem limites à interação entre homens e mulheres em espaços públicos (Mama, 2007).

A terceira tensão, de natureza cognitiva, é revelada pela diferença entre o domínio das operações concretas e o raciocínio abstrato. As zungueiras dominam as competências que exercitam diariamente: o cálculo de troco, a adição básica e o vocabulário corrente, mas revelam dificuldades nos padrões lógicos que exigem abstração e transferência de aprendizagens para contextos novos. Essa constatação reforça a importância de uma pedagogia que não se limite à repetição e à memorização, mas que promova ativamente o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático por meio de situações progressivamente mais complexas e diversificadas.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados do presente estudo dialogam de forma produtiva com os referenciais teóricos apresentados na seção de fundamentação. Em primeiro lugar, a evidência de que as zungueiras demonstram melhores desempenhos nos itens contextualmente ancorados confirma a centralidade do princípio andragógico da aprendizagem orientada por problemas reais (Knowles, 1980) e valida a opção metodológica do Projeto Okutanga de partir da experiência comercial das beneficiárias como base do processo pedagógico.

Em segundo lugar, a elevada taxa de abandono reportada pelos alfabetizadores é consistente com os padrões documentados nos estudos africanos sobre alfabetização de adultos (Abadzi, 2003; Torres, 2019) e decorre, em grande medida, das condições estruturais de vida das zungueiras, marcadas pela sobreposição de responsabilidades econômicas e domésticas que competem diretamente com o tempo e a energia disponíveis para a participação em atividades educativas. Essa constatação aponta para a necessidade de intervenções que não se limitem ao espaço pedagógico, mas que abordem também os constrangimentos logísticos e socioeconômicos que impedem a participação regular.

Em terceiro lugar, os resultados do teste cognitivo permitem aplicar operacionalmente o modelo de Kabeer (2012) à situação das beneficiárias. As competências de cálculo comercial e vocabulário representam ganhos ao nível dos recursos cognitivos:

- A capacidade de participar ativamente no projeto e de gerir autonomamente as transações comerciais representa uma expressão de

agência;

- A melhoria das condições de negociação comercial e da autonomia financeira cotidiana representa um resultado tangível.

Esta análise confirma que o projeto atua simultaneamente sobre as três dimensões da autonomia feminina identificadas por Kabeer (2012), ainda que de forma desigual e com resultados parciais.

Portanto, a tensão entre o potencial transformador do projeto e suas limitações estruturais remete ao argumento de Sen (1999) sobre a necessidade de criar condições reais de exercício das liberdades. O desenvolvimento humano não depende apenas das capacidades individuais adquiridas, mas também das condições estruturais que permitem ou inibem o seu exercício. Nesse sentido, a consolidação dos impactos do Projeto Okutanga exige não apenas melhorias pedagógicas internas, mas também transformações nas condições de vida e de trabalho das zungueiras que são externas ao projeto, mas determinantes para a sua eficácia.

RECOMENDAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS E INICIATIVAS COMUNITÁRIAS

- Reduzir o número de alunos por turma para um máximo de 20 a 25 participantes, de modo a garantir a atenção individualizada e a qualidade pedagógica, no Colégio 4 de Abril, na escola de transição;
- Investir na formação contínua e especializada dos alfabetizadores em andragogia, gestão de turmas heterogêneas e metodologias participativas;
- Promover a paridade de gênero no corpo de alfabetizadores do Colégio 4 de Abril, recrutando e formando mulheres para o exercício dessa função;
- Criar mecanismos de apoio à retenção das beneficiárias, incluindo cuidados às crianças durante as sessões e estratégias de motivação adaptadas às suas realidades;
- Integrar componentes de raciocínio lógico-matemático progressivamente mais complexas, para além do cálculo comercial corrente, de forma a desenvolver capacidades de abstração transferíveis para novas situações;
- Formalizar parcerias com organismos governamentais e internacionais para garantir a sustentabilidade financeira e técnica do projeto.

SUGESTÕES PARA INVESTIGAÇÕES FUTURAS

A investigação futura deverá aprofundar a

avaliação dos impactos do projeto por meio de estudos longitudinais que acompanhem as trajetórias das beneficiárias ao longo do tempo, avaliando a durabilidade dos ganhos cognitivos e as transformações nas condições de vida e de trabalho. Metodologias participativas que garantam que as próprias zungueiras sejam sujeitos ativos da produção de conhecimento sobre a sua realidade constituem igualmente uma prioridade para a investigação futura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo demonstrou que o Projeto Okutanga constitui uma iniciativa no campo da educação com resultados mensuráveis e com um potencial transformador significativo para as mulheres zungueiras do Cuito/Bié. A análise conjunta dos dados coletados junto de cinco alfabetizadores e dez beneficiárias evidenciou que o projeto produz ganhos cognitivos tangíveis, especialmente no domínio do cálculo comercial e do vocabulário funcional, que se traduzem em competências diretamente aplicáveis à atividade económica das zungueiras.

Simultaneamente, o estudo identificou constrangimentos estruturais significativos, como a superlotação das turmas na escola de transição (Colégio 4 de Abril), a insuficiência de recursos, a inadequação dos espaços físicos e a formação pedagógica insuficiente dos alfabetizadores, que limitam a qualidade do processo e contribuem para as elevadas taxas de abandono registradas. A predominância masculina no corpo de alfabetizadores constitui igualmente um desafio para a adequação cultural e de gênero do projeto.

A análise das habilidades cognitivas das beneficiárias demonstrou um perfil diferenciado: domínio sólido das competências concretas e comerciais, com dificuldades nos raciocínios abstratos e nos padrões lógicos mais complexos, o que é consistente com uma etapa inicial do desenvolvimento de competências de literacia funcional.

O presente estudo contribui para o aprofundamento do conhecimento sobre a educação de adultos em Angola, particularmente no Cuito/Bié, e sobre o potencial dos projetos comunitários de capacitação feminina como instrumentos de redução das desigualdades de gênero. Ao articular revisão

teórica e evidência empírica, o artigo oferece uma base analítica que pode subsidiar futuras intervenções e decisões políticas no campo da educação não formal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABADZI, H. **Improving adult literacy outcomes**: lessons from cognitive research for developing countries. Washington, DC: World Bank, 2003.
- AMARO, R. R. Desenvolvimento local: conceitos e dimensões. In: HENRIQUES, A. D. (Org.). **Desenvolvimento local**: uma perspectiva crítica. Lisboa: Celta Editora, 2009. p. 23-54.
- CHEN, M. A. **The informal economy**: definitions, theories and policies. Manchester: WIEGO, 2012.
- DUCADOS, H. Mulheres angolanas e o mercado informal: sobrevivência e resistência urbana. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 6-7, p. 83-102, 2004.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **A importância do acto de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DE ANGOLA. **Resultados definitivos do Recenseamento Geral da População e Habitação de Angola 2014**. Luanda: INE, 2020.
- KABEER, N. **Women's economic empowerment and inclusive growth**: labour markets and enterprise development. Ottawa: International Development Research Centre, 2012. (Discussion Paper, 29).
- KNOWLES, M. S. **The modern practice of adult education**: from pedagogy to andragogy. 2. ed. Cambridge: Cambridge Adult Education, 1980.
- LOPES, C. Educação e género em Angola: entre as políticas e as práticas. **Revista Angolana de Ciências da Educação**, v. 3, n. 1, p. 39-58, 2018.
- MAMA, A. **Feminismo africano e identidade feminina**. Dakar: CODESRIA, 2007.
- NETO, M. **Educação e desenvolvimento em Angola**: desafios e perspectivas. 2. ed. Luanda: Edições Mayamba, 2019.
- RODRIGUES, C. U. Viver em Luanda: uma análise da pobreza e das estratégias de sobrevivência no pós-guerra. **Africana Studia**, n. 10, p. 113-138, 2007.
- SEN, A. **Development as freedom**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- TORRES, R. M. **Lifelong learning**: moving beyond Education for All. [S.l.]: Rosa-María Torres, 2019.
- UNESCO. **Education for people and planet**: creating sustainable futures for all. Global Education Monitoring Report. Paris: UNESCO, 2016.

Revista a EVOLUÇÃO
Brasil - Angola

66
Ano 11
n.º 66
ISSN 2675-2573

Alexandre Bitencourt
Como a mídia-educação e a inovação curricular
podem transformar a escola pública

LANÇAMENTOS

A FESTA SURPRESA DA
CHAPEUZINHO VERMELHO
de Cleia Teixeira

INTERVALO POÉTICO
de J. Wilton

ABEC BRASIL
ISSN
Crossref
sumários.org
Plataforma de
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br



<https://doi.org/10.52078/g2yjnv63>



COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Alberto Praia Tchinhama	Joice Pereira Marques
António dos Reis Fançony	Katia Aparecida de Sousa Lima
Armando Kangolo Basílio	Lília Stevens de la Cruz
Augusto Hudson Simeão	Luciana Cardoso de Souza
Calunda dos Santos Jorge	Luís Venâncio
Carina Fardim Soares	Lusilene da Rocha Alves
Belkis Tomilson Garcia	Marcelo Cunha
Betsabé Pompa Abreu	Maria Angela Ferreira Oliveira
Chiquito Afonso Fernando	Maria Canga Álvaro
Domingos	Maria Elena dos Santos Silva
Cirlene Alves de Oliveira	Maria Madalena Sampaio Silva
Daniel Cordeiro	Mário Adelino Miranda Guedes
Daniel Marculino Muenho	Mário Jamba Artur
Denilson Genito Moisés dos Anjos	Mirella Clerici
Domingos Tchinhama Mangundu	Nayane Brito Veras Godinho
Edgar Francisco da Silva	Hermisdorf
Gonçalves	Ngombo Rodrigues Lucau
Elaine Santos do Nascimento	Panzo Manuel Bunga
Elizabeth Hama Francisco	Pedro Isaac
Esmael Joaquim Machado	Rafaela Gois Zirpolo
Eugénio Chicapa	Roseli Brito Tenório Ramos
Faustino Moma Tchipesse	Sabalo João Luanda
Fernando Leite Miranda	Suellen Vidal Araújo Da Silva
Gersiane Alves Pavão	Talita Torracca Vieira da Silva
Gouveia de Oliveira Ngunza da Silva	Tamara Garcia Calixto
Guilherme Mateus Moma	Tatiana Miranda Lima
Gustavo Bruno Wandaqueia	Teresa Francisca Nkhulwavo
António	Tomasa Miriam Tabares
Irma Cristina de Moraes	Valquiria Souza Cardoso
Chinhemba	Valter Joaquim Vidal
Jeam Rodrigo de Oliveira	Vidal António Machado
João Eduardo Quinsequei	Walter Albino António Sassoma

Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Parceiros:

